

# Narrativas com fôlego

Tânia Regina Oliveira Ramos

UFSC



## *Rose & Gertrudes*

*Gertrudes é feminista  
E acumula lauréis.  
Rose cuida do jardim  
E sabe fazer pastéis.  
Gertrudes defende teses  
Sobre alienação feminina.  
Rose acaricia o marido  
Nem bem o dia termina.  
Nos encontros e simpósios  
Gertrudes se destaca  
Rose prepara um peixe  
Com cebola e alfavaca.  
Ao aceno da esperança  
Rose logo se ilude.  
O universo desaba  
Nos teoremas de Gertrudes.  
Rose dorme por conta  
Gertrudes por comprimido.<sup>1</sup>*

Tenho buscado escritoras brasileiras contemporâneas, para além do cotidiano de *roses* e *gertrudes*, que estejam mostrando a sua produção literária em livros de autoria, antologias, coletâneas, revistas literárias ou espaços virtuais de *sites* ou *blogs*. Avaliações sobre suas qualidades podem variar, mas é impossível ficar indiferente ao fato de que há uma nova geração de escritoras que tem movimentado a vida literária brasileira neste começo do século XXI.

<sup>1</sup> Versos do poeta gaúcho Luiz Coronel, in: *Correio do Povo*, Sábado, 29 set. 2007. Suplemento, p. 4.

Essa experiência de procurar ler o máximo possível de narrativas brasileiras permite-me, assim, assegurar que a subjetividade em crise trouxe para a produção contemporânea e para a crítica literária a inevitável transitoriedade de uma já mais que reconhecida crise da modernidade e das utopias; e as narrativas publicadas neste marco cronológico da passagem do século XX para o século XXI, os anos 2000, vieram para se superar, para assegurar a liberdade de enfrentar os cânones e a disposição de moverem-se com um mínimo de temor em direção a uma produção literária sem fronteiras internas e a uma crítica literária e cultural menos restritiva.

Nessa saudável procura de novas vozes narrativas o que tenho encontrado? Contos, muitos contos. Leio e respiro, leio e esqueço, leio e me perco, em uma errância contínua, no sentido mesmo de errar, de apagar e começar de novo, de me perder entre tantos nomes. O que fazer, então, quando se procura narrativas com mais fôlego?<sup>2</sup>

Busco e encontro, entre tantas narrativas recentes, emblemáticas de um discurso feminino corajoso, como o romance *Caim* de Márcia Denser,<sup>3</sup> a narrativa autobiográfica de Heloísa Seixas, *O lugar escuro*,<sup>4</sup> e *O livro dos nomes* de Maria Esther Maciel,<sup>5</sup> dois livros, cujas histórias merecem ser destacadas para que não se reduzam apenas a fragmentos de matéria na estante, esperando uma leitura em um tempo *quando*.

Os títulos dos livros costumam ser elementos importantes, porque estou a todo momento olhando para onde eles apontam, para a maneira como criam suas relações com outras falas e muitos dizeres em uma tradição literária. Destaco a capa e a lombada desses dois livros: *O vôo da guará vermelha*<sup>6</sup> e *As netas da Ema*.<sup>7</sup> Maria Valéria Rezende<sup>8</sup> e Eugênia Zerbini.<sup>9</sup> Objetiva e Record. Autorias

---

<sup>2</sup> Uso aqui “com fôlego” como um gesto da autoria e como um gesto de leitura.

<sup>3</sup> DENSER, Márcia. *Caim*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

<sup>4</sup> SEIXAS, Heloísa. *O lugar escuro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

<sup>5</sup> MACIEL, Maria Esther. *O livro dos nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>6</sup> REZENDE, Maria Valéria. *O vôo da guará vermelha*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

<sup>7</sup> ZERBINI, Eugênia. *As netas da Ema*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

<sup>8</sup> Advogada, professora e escritora, foi vencedora do Prêmio SESC de Literatura, 2004, autora do blogue <http://netasdaema.zip.net> Acesso em 30 de setembro de 2007. Recentemente, em março de 2008, publicou no Jornal Dom Casmurro a recriação, em primeira pessoa, da história mítica de Hermíone.

<sup>9</sup> Nasceu em Santos, onde viveu até os 18 anos. Em 1965, entrou para a Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho, tornando-se freira e dedicando-se sempre à educação popular (inicialmente na periferia de São Paulo). A partir de 1972, mudou-se para o Nordeste, vivendo primeiro em Pernambuco e, depois, na Paraíba, onde vive até hoje. Seu primeiro livro de ficção, *Vasto Mundo* (Editora Beca), veio em 2001. Depois, em 2005, foi publicado *O vôo da guará vermelha – Coleção Fora dos Eixos* (Ed. Objetiva) e em 2006 lançou na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) o seu mais novo título, *Modo de apanhar pássaros à mão* (Ed. Objetiva).

femininas, literatura de mulheres, grandes editoras, um *fast romance*<sup>10</sup> e uma narrativa “fora dos eixos”.<sup>11</sup> Dois livros reconhecidos institucionalmente por seus méritos: um romance premiado e um outro indicado para ser premiado.<sup>12</sup> Um romance herdeiro da escrita virtual, narrando uma história escrita e situada em São Paulo e um outro inserido em uma coleção que pretende buscar a qualidade literária que floresce, em termos geográficos, fora do eixo Rio/São Paulo, ainda que as histórias sejam ambientadas igualmente em São Paulo. Olhares ex-cêntricos de duas escritoras a se acompanhar. Romances de geração, literalmente, já que as duas autoras nasceram em um Brasil dos anos 50 e superaram uma literatura descritiva do cotidiano, modelo ficcional que permite um olhar fabulatório sobre o que já se creditou como figuras “realistas” de certas representações do mundo contemporâneo. Nenhuma delas parte do universo doméstico, de uma geografia, pois não é o território que marca as duas narrativas, mas o tempo mítico e o tempo histórico.

O romance *As netas da Ema* teria tudo para ser uma *chicklit* brasileira,<sup>13</sup> se simplificássemos a leitura, ao fazer de sua protagonista uma mulher solteira e profissionalmente bem sucedida, tanto que esta personagem ironicamente vai ser premiada no transcorrer da história como Madame Empresa. Mas a narrativa não quis ser isto e foi mais do que isto: ela se fez história de um Brasil a ser contado do ponto de vista feminino, porque narra com inteligência, humor e sutileza o encontro de amigas por volta dos 50 anos, que em seus encontros discutem afeto, experiências, comportamento e vivências; e relembram, com agudeza, os anos da ditadura no Brasil. As personagens do livro são mulheres modernas e adjetivadas por particularidades substantivas. As amigas da protagonista,

---

<sup>10</sup> Adriano Koehler, em resenha no jornal *Rascunho*, suplemento cultural do Estado do Paraná, diz que no mercado inglês surgiu a expressão “fast romance”: romance que se lê em pouco tempo. “E veja bem: não há aí qualquer julgamento de valor” (...) Ele deve ser necessariamente de rápida leitura exatamente por ter qualidades e seduzir o leitor a uma leitura contínua, aquele desejo raro “de não largar o livro” para ver como termina.

<sup>11</sup> A contra capa do livro de Maria Valéria Rezende diz: “Fora dos Eixos é uma coleção que pretende buscar a qualidade literária que floresce, em termos geográficos, fora do eixo Rio/São Paulo – e sob o aspecto da construção da linguagem, o autor que luta contra o banal para encontrar a originalidade, o vigor, a transgressão narrativa”.

<sup>12</sup> *As netas da Ema*, Prêmio SESC de Literatura, 2004 e *O vôo da guará vermelha*, indicação para o Prêmio Zaffari-Bourbon, da 12ª Jornada Nacional de Literatura, 2007.

<sup>13</sup> *Chicklit* é uma expressão inglesa para falar de literatura de/para mulheres. Sobre este tema escrevi um ensaio intitulado “A dança das cadeiras: será que fica uma?” Este ensaio está publicado na revista *Cerrados*, UNB, Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura, ano 11, n. 12, 2002, p. 101.

por exemplo, são assim nominadas: *A-amiga-comum-que-também-era-dentista* ou *A-divertida-de-cabelos-vermelhos*. Essas mulheres, as emas, enfrentam modelos de comportamento feminino arraigados a gerações passadas e os superam.

O que Eugênia Zerbiní nos apresenta, em síntese, como matéria narrativa em *As netas da Ema*? Segundo suas palavras, ela nos traz em sua narrativa um grupo de mulheres da segunda metade do século XX que teve o privilégio de crescer em um cenário revolucionário:

Do ponto de vista econômico, nasceram cercadas pelas oportunidades trazidas pelo vertiginoso crescimento do pós 2ª Guerra Mundial. O acesso ao estudo superior foi difundido e as portas de entrada para o mercado de trabalho escancaradas. As pesquisas do Dr. Kinsey<sup>14</sup> empurraram as discussões sobre sexo para as páginas dos jornais, a pílula foi para as prateleiras das farmácias e a sociedade patriarcal foi colocada contra parede. Como elementos desse painel de fundo, poderíamos ainda lembrar a diversificação dos meios de comunicação e a difusão de várias doutrinas políticas que pregavam a necessidade de uma intervenção direta e efetiva na realidade. Em resumo: essas mulheres quando adolescentes dançaram Born to be wild. Porém, em alguns aspectos, idéias recebidas de mães, avós e bisavós sobreviveram debaixo de toda essa atmosfera de mudança. Essas mesmas mulheres ficaram um pouco divididas e essa divisão impregnou todas as conquistas com sombras de culpa. Por esse impasse, ainda diz a autora, passei a chamá-las de 'Netas da Ema': como a Bovary tinham tudo para serem felizes, mas apresentavam-se sempre inquietas, querendo mais. Do ponto de vista formal até cabe uma observação: à luz de um exame gramatical mais acurado, o mais acertado poderia ser 'As netas de Ema' (uma vez que se trata de Ema Bovary e não qualquer outra Ema).<sup>15</sup>

Para a autora, além de alimentar a dúvida o próprio título do seu romance – Ema, qual Ema (ou emá, a ave?), também quer mostrar muita intimidade com as aventuras, ilusões, decepções, erros e acertos da Bovary. Com bastante consciência de seu fazer literário, Eugênia Zerbiní nos diz: "*As netas da Ema* parece ser mais

---

<sup>14</sup> Etmologista e professor universitário Alfred Kinsey foi o autor de *O comportamento Sexual do Homem*, utilizando técnicas de pesquisa nada convencionais para os Estados Unidos de 1948, em plena era do conservadorismo. Dr. Kinsey recrutava estudantes para suas experiências.

<sup>15</sup> Entrevista com Eugênia Zerbiní em <<http://www.record.com.br/entrevista.asp?entrevistas=61>>. Acesso em: 30 set. 2007.

sonoro, eufônico no que eu considero um romance-ensaio”. Vejamos como a história de uma geração se faz matéria narrativa:

Fomos a primeira geração a ter o condão da escolha. Mas, mocinhas, passávamos a nos restringir sigilosa e voluntariamente pelos fantasmas invocados, debaixo dos secadores dos cabeleireiros de sábado à tarde, pela leitura de textos góticos-eróticos-sentimentais, como aqueles publicados aos pedaços na revista *Querida*. Intoxicávamos em segredo com os vapores dos reinos e pântanos distantes [...]

ainda que em nossos ouvidos ressoassem como uma Marselhesa, os acordes da guitarra de George Harrison saudando o sol nascente na madrugada de encerramento de Woodstock.

Aproveito a releitura do significativo livro de Eugênia Zerbini para passar a ler outra narrativa, que me exigiu igual fôlego e literalmente um vôo para dentro da existência simples dos menos afortunados e da própria história de uma literatura que parece desejar também estabelecer um diálogo com a escrita canônica, Flaubert por exemplo (o autor que desejava um livro centrado nas palavras). Mas igualmente uma literatura desejan-te de estabelecer um diálogo com a tradição oral, com a cultura popular, em um romance onde quase não há escrita, mas uma fala reiterante nas narrativas do personagem masculino, Rosálio, contador de histórias e analfabeto:

*corri pra cima da serra pra ninguém lembrar de mim, virei um bicho do mato, bicho brabo, machucado, que se alguém chegasse perto perigava de eu morder, outras vezes mofino, aquebratantado, de tanto que fiquei triste de não aprender a ler (verde e ouro).*

A repetição do gesto daquele que vem todas as noites ao encontro de Irene, a personagem feminina, na tentativa insistente de contar a sua história dá o andamento da narrativa: “Era tão bom esperar; ter assim o pensamento voltado para o futuro, um futuro bem curtinho” (p. 77). Realiza-se aqui também mais uma aproximação com o sonho de Flaubert, lembrado por Eugênia Zerbini, em entrevista:<sup>16</sup> encontrar um romance que se sustentasse apenas nas palavras, sem acontecimento nenhum. *O vôo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, escritora, profissão-freira, que se destacara com seu instigante e místico conto “Cântico da Subida”,<sup>17</sup>

<sup>16</sup> ZERBINI, Eugênia. Entrevista. Site da Editora Record: <[www.record.com.br/entrevista.asp?entrevista=61](http://www.record.com.br/entrevista.asp?entrevista=61)>. Acesso em 18 de abril de 2008.

<sup>17</sup> In: RUFATTO, Luiz. *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira e + 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. RJ: Record, 2005, p. 222.

entre as 55 mulheres selecionadas nas duas antologias de Luiz Rufatto<sup>18</sup> é uma narrativa que precisa ser mostrada, ao lado de *As netas da Ema*, como uma literatura que dá um tratamento estético as histórias planas de um Brasil profundo.

Qual o gesto de minha leitura diante de um romance que traz uma história com dois personagens em estado de deriva, buscando sobreviver em uma cidade que não lhes pertence – São Paulo? Irene é uma prostituta contaminada pelo vírus da AIDS (doença que é aludida, compreendida e não citada) e ele, o personagem masculino, um analfabeto servente de pedreiro. Um romance neo-realista, uma narrativa engajada, um romance de denúncia social? Responder essas perguntas se torna desnecessário, quando a nossa atenção na leitura se volta muito mais para o apuro estético de uma narrativa intimista escrita em terceira pessoa, recurso bastante raro na contemporaneidade. Um retrocesso estilístico poderia ser dito. Um homem e uma mulher. A economia textual restrita a um quarto e uma cama, um colchão deformado, lápis e papel e, paradoxalmente, livros como a bagagem do homem analfabeto.

A memória não se dá nem pelo fragmento nem pelo tempo perdido recalçado no inconsciente e a oralidade não se inscreve pelo lado épico da verdade, pelo conselho. O romance se constrói pelas duas narrativas que correm paralelamente, a da narradora e a do narrador-personagem, e no final se encontram “no azul sem fim”, nas duas partidas: a ouvinte que desaparece pela morte e a do contador de histórias que sobrevive, mas vai embora dizendo, para a personagem Anginha, a prostituta que fica repetindo o destino de Irene: “se a vida tem começo, eu penso que nunca finda”.

Um romance sem muitos acontecimentos leva o leitor a uma leitura calcada na errância da própria construção narrativa. *O vôo da guará vermelha* é na produção contemporânea a narrativa que se destaca porque busca apoio no lado pictórico da memória e se torna o que se pode chamar de uma ficção construída através de cores. Nas imagens que cria para dar título aos capítulos, Maria Valéria Rezende leva a língua ao silêncio e consegue projetar uma outra cena, deslocando o eixo da narrativa, do sentido da escuta para o sentido da visão, o que se pode literalmente ser conferido através das diferenças gráficas nas letras do texto para a “coloração” dos capítulos, o que se procura agora exemplificar: *Cinzentos e encarnados, Verde e negro, Roxo e branco, Ocre e rosa, Amarelo e bonina, Verde e ouro, Vermelho e prata, Ouro e azul, Encarnado e amarelo, Verde e ocre,*

---

<sup>18</sup> In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira. “Talentos e formosuras”. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* N. 26, Brasília, julho/dezembro de 2006, p. 97-106.

*Alaranjado e verde, Azul e amarelo, Ocre e ouro, Azul e encarnado, Cinzento e todas as cores, Vermelho e branco e Azul sem fim.* Para ilustrar esta presença da cor não só nos títulos, mas também como matéria narrativa, cito as passagens:

Tudo tão nada que Rosálio nem consegue evocar histórias que o façam saltar para outras vidas, porque seus olhos não encontram cores com que pintá-las. Fome de verdes, amarelos, encarnados (In: *Cinzento e encarnado*).

noutra sacola nova, dessas bacanas de loja, traz um vestido bonito, muito alegre e colorido com flores vermelhas e azuis, que você, Irene, agora vai ser a minha ajudante na arte de contar casos (In: *Azul e encarnado*).

A tensão entre escuta e visualidade é assim colocada em uma relação dialética desde o título, que faz referência a algo para além da linguagem. Como falar ou escrever quando a linguagem se dirige a algo que, enquanto ato, se arremessa ao infinito? *O vdo* da guará vermelha. Metáfora de um encontro marginal, em uma espécie de epopéia como a de João e Maria, dois personagens de um dos mais tradicionais contos de fadas: “Rosálio vai deixando um rastro de pedrinhas para marcar o caminho do regresso [...]”. Irene, o corpo problematizado sempre em estado de espera, vem depois com a folha amarela do resultado do exame e a morte anunciada. Mudar de vida ou mudar o rumo da narrativa? O menino, saudade deste filho que habita uma outra casa, a casa da velha, o dinheiro necessário, a espera constante, o cotovelo na janela.

O que resta do corpo de Irene, envelhecido e desgastado pelo uso, essa mulher imobilizada em um espaço de um quarto, se não escutar os causos de Rosálio? Quanto mais o escuta mais se esquece de si mesma, porque precisa escrever a memória do outro. O que conteria este nome próprio, Irene, que parece ser ilustrador de alguns momentos estéticos de nossa cultura poética e musical: *Quero ver Irene dar suas risada*,<sup>19</sup> *Imagino Irene entrando no céu*,<sup>20</sup> neste jogo intertextual que a nossa memória cultural torna possível?

Para além das cores que titulam os capítulos, os tipos gráficos nas páginas do livro criam a diferença e a tensão nos próprios dizeres do texto. Eles levam a se buscar uma outra coisa na história de Irene e Rosálio, que não é piedade e compaixão diante do que é contado. O próprio modo de escrever constrói e afeta o sentido da escrita de Maria Valéria Rezende. Impossível realizar a leitura e não

---

<sup>19</sup> Verso de Caetano Veloso na letra de *Irene*.

<sup>20</sup> Verso de Manuel Bandeira no poema *Irene no Céu*.

perceber as alterações gráficas, os tipos menores, a letra e a voz, o som e o sentido, agindo sobre o corpo do leitor e a própria significação que constrói – estamos vendo, ouvindo e lendo ao mesmo tempo. Há um retorno à ficção no que ela traz de fabulação, de invenção, de descompromisso com a verdade factual, com uma possível encenação do “real”.

Rosálio, o personagem masculino, fala e cada história sua é a abertura para uma outra história que, por sua vez, desencadeia uma outra história e assim parece seguir um outro destino de Sherazade, não narrando para não morrer, mas narrando para a sua ouvinte não morrer, porque é ela (Irene? Maria Valéria Rezende?) que está transpondo para a escrita as suas histórias, os seus causos. Rosálio inventa para si um passado e sonha tornar visível o seu dizer: ele deseja a espessura material da escrita, como os livros, que carrega consigo. O universo das palavras é a sua morada e nas páginas que Irene escreve, Rosálio busca um novo acolhimento:

Procura entre as páginas dos livros, um por um, mas nada encontra, só palavras. Para que servem? ‘Palavras’ (p. 18).

Senta na cama cambaia, recosta-se em almofadas, abre a folha imaculada, molha a ponta do lápis na língua pálida e escreve: O vôo da guará vermelha. Enche as páginas com a letra caprichada das aulas de caligrafia e as palavras que lhe presenteou o homem. Já pensa que não tem nada, se ele nunca mais voltar, lerá cada noite a história para chorar e adormecer (p. 23).

Vê-se aqui o caminho inverso de Sherazade. Ele fala e ela escuta. Ele conta e ela escreve. Ela ensina, ele aprende. *‘Agora, mulher, me ensine a escrever meu nome inteiro’*. Não se pode esquecer que o próprio nome próprio do personagem é uma apropriação que ele faz do nome da professora que povoa as suas histórias, os seus causos. *Nem sei dizer, não lembro bem, o que foi que aconteceu nos três dias que esperamos pra professora Rosália acomodar-se na casa, ajeitar o quarto dela, terminarmos de fazer tamboretas e bancadas pra escola funcionar (verde e ouro)*

Irene a custo se ergue, dá um lápis a Rosálio, conduz-lhe a mão com cuidado e o faz traçar perfeito, redondo como um caneco, como a menina do olho, como a lua quando é cheia, como a beirada de um poço, a letra ‘o’ junto ao ‘R’, atrás da fotografia, hoje só lhe ensino o ‘o’, que com o ‘r’ faz ‘ro’, ‘ro’ de rosa e de Rosálio, que você tem de ir se embora [...] (p. 66).

A narrativa e a frase se transformam em versos de sete pés, o verso mais comum e o mais espontâneo, a métrica do cordel, da cultura popular. Como descobri este narrador performático e esta estranha métrica inserida na prosa de ficção? Ao ler, meus ouvidos

ouviam a narrativa, as frases se tornavam versos e escutava uma voz declamando como se fosse cordel. Ora uma voz masculina, ora uma voz feminina. A leitura clamava a voz alta. Leio e conto as sílabas das orações, das frases.... *Ocre e rosa*, por exemplo, começa assim (as barras são colocadas por mim): “Irene chora sozinha,/ quem disse que um homem bom, / quando aparece demora? / Com certeza ele tem dona/ ou queria alguma coisa/ que não encontro aqui,/ desistiu de procurar/ e foi embora pra sempre.”<sup>21</sup>

A visualidade vira sonoridade nesta narrativa de sentidos. Há uma poética narrativa e só sutilmente e quase desapercivelmente se fala em vida real: *a camisinha, os movimentos rápidos*, (p. 16), *o dinheiro, cadê o dinheiro?* (p. 17), *comeu feijão, trabalhou* (p. 23), *chegar ao sindicato e garantir seu direito* (p. 176). Predominam a poesia, o diálogo possível, o contar, *a inventação*. Não há como não deixar de observar as aliterações nas falas de Rosálio: *Menino eu fui. Nem-Ninguém, criado por minha avó, que tinha vista velada por um véu branco de choro que verteu por minha causa e um dia cristalizou* (p. 36).

Em outras palavras: é possível imaginar na narrativa de Maria Valéria Rezende não uma ausência de realidade, pois o real está sendo o tempo todo aludido, mas uma ausência daquilo que o real extrapola enquanto linguagem. O texto feminino, porque *O vôo da guará vermelha* é uma narrativa feminina, como o é *As netas da Ema*, é antes de tudo uma metáfora da possibilidade do real se tornar matéria alegórica, figurações, *fragmentos de um discurso amoroso*. Na medida em que as narrativas de Rosálio avançam em um espaço imaginário de mitos, invenções, a narrativa de Irene (ou sobre Irene que aqui particularmente nos interessa, embora as narrativas de Rosálio, falando de João dos Ais, Beto do Fole, mereçam ser destacadas) cria-se um movimento de passagem entre duas cenas: passado e presente, passado e futuro, presente em direção a nada a não ser às palavras... A escrita dela, Irene, e a oralidade dele, Rosálio, se tocam até o fim da narrativa de Maria Valéria Rezende, que encena a escrita. A literatura deste real (prostituição, dinheiro, assistência social, servente de pedreiro, analfabeto, sindicato, abandono, doença, morte) se torna uma poética sem risco, uma potência não mais do corpo masculino e do corpo feminino, mas uma potência da escrita. O livro termina assim: “a gente lembra inventando. Invenção não tem fim”.

A potência da escrita já estava ali, com toda a energia possível em *As netas da Ema*. Ema? Ema é a ave que não voa, desengonçada,

---

<sup>21</sup> As barras foram colocadas por mim para separar no romance o que leio como versos de sete pés, métrica característica da literatura de cordel.

lenta, ativa, de pernas longas... A guará é igualmente elegante, com plumagem vermelho carmesim. Íbis. Os títulos costumam ser elementos importantes, como já disse – estou a todo momento olhando para onde apontam, para a maneira como criam suas relações com outros dizeres – e é neste ponto que aproximo mais uma vez as duas narrativas: *ema* e *guará*. *Aves-palavras*. *Ema Bovary* e *Sherazade*. *Mil e uma noites*. Nem só *roses* nem só *gertrudes*.

A literatura feminina é realmente um gesto da própria língua. Ela não hesita e não fracassa mesmo diante de um real que quer falar de assalto, de ditadura, de gerações, do fim das utopias, de doença, de abandono, de desencanto e de morte. O importante na leitura dos romances de Maria Valéria Rezende e de Eugênia Zerbiní é mostrar que ambas não são apenas contadoras de histórias, mas *escribas* que souberam trabalhar a linguagem de forma original, que souberam fazer prosa com raízes políticas e poéticas e conseguiram encontrar um tempo e um ritmo perfeitos para a simplicidade do narrar, simplicidade sob a qual se esconde uma complexa e apurada técnica de escrita literária.

Eugênia Zerbiní nos entregou uma narrativa em que a história é o próprio desejo de escrever um livro. Maria Valéria Rezende nos entregou uma narrativa em que a história é o próprio desejo de ser um livro. Ambas conseguiram evidenciar o caráter nômade da escrita e, por esta via, conseguem despertar no leitor e na leitora a sua consciência crítica.

Esses foram os mo(vi)mentos de leitura em relação a uma produção contemporânea de mulheres contemporâneas. É na potência da palavra escrita e falada, que o erotismo se realiza e a sexualidade, por si, se torna traço secundário. E quando as letras se desprendem do papel e o colorido das imagens se dilui em fragmentos da história que foi narrada, fica uma escrita fora dela mesma, na nossa memória. Ao lembramos das duas narrativas, o real fica sendo um pano de fundo, papel de parede na tela imóvel. A leitura da escrita feminina se refaz a partir de seus próprios mecanismos, porque a escrita feminina consegue ser silenciosa e transbordante ao mesmo tempo. Lemos, assim, duas narrativas contemporâneas, entre tantas produzidas nos últimos anos que são, acima de tudo, atos da linguagem e não apenas representação e sentido. Narrativas de fôlego. Com algumas respiro, com outras transpiro.